

## Editorial

### Leer para Creer

Roberto Polanco – Carrasco \*

Se imaginamos a construção de um campo disciplinar como se fosse a construção de um edifício alto e robusto, o primeiro que devemos considerar é sua localização, onde será edificado, quais serão seus limites e construções vizinhas. Numa primeira etapa, se construirão os cimentos e as bases sobre as quais se elevarão os pisos do edifício projetado, estes cimentos são feitos com a certeza de que devem ser capazes de suportar o peso total da estrutura de tal modo que nenhum esforço é excessivo para verificar sua solidez. Concluída esta primeira etapa se procede com cada andar, suas paredes e colunas até chegar finalmente ao telhado. Logo virão as terminações internas, portas, janelas, etc. Soaria fora de lugar que quem coloca as janelas do nosso edifício se atribuísse como própria a autoria total do edifício, concordaríamos que é uma loucura que aqueles que colocam os azulejos e detalhes interiores afirmassem que é graças a eles que o edifício se mantém de pé ou mantém sua forma. Do mesmo jeito, quem trabalhou nos cimentos mal podia atribuir-se a autoria de um edifício que ainda não institui em vertical.

Talvez todo o anterior pareça óbvio e trivial. Podemos estar de acordo em afirmar que, se um integrante de uma equipe de trabalho que consegue um êxito arquitetônico importante se institua como o único responsável do produto final, é por dizer suavemente um despropósito.

No entanto, apesar do claro exemplo prévio se pode ver em diversos âmbitos profissionais ou acadêmicos, um claro menosprezo pelo trabalho e desenvolvimento de diversos aspectos de uma disciplina. Especialmente preocupante resulta este menosprezo no campo dos que ensinam psicologia nas distintas faculdades onde o ciclo básico de formação resulta frequentemente desprezado. O ato de tirar o valor, ou de menosprezar o outro, segundo a definição mais clássica da RAE (Real Academia Espanhola) é o que podemos entender hoje por desprezar (ningunear em espanhol), e se bem pode ser uma palavra dura e não isenta de polêmica, resulta ser uma prática frequente a de tirar valor ao trabalho de outros profissionais.

---

\* Editor Cuadernos de Neuropsicología, Panamerican Journal of Neuropsychology.

Em ocasiões, o valor do trabalho próprio e o trabalho alheio nem sempre se realiza com a mesma vara, isto se traduz no que não em poucas ocasiões junto com sobrevalorizar o próprio trabalho se menospreze os demais, isto resulta especialmente grave em época onde os avanços em diversas disciplinas da saúde, junto às tecnologias da informação, fazem não só possíveis mas fundamental uma maior integração das diversas disciplinas que estudam os fenômenos mentais. Nesse contexto desprezar o trabalho do outro impede esta necessária integração, danificando o desenvolvimento da disciplina mais que a uma pessoa em particular.

Também resulta pouco habitual que o desenvolvimento de uma ciência social, como a psicologia, seja produto de avanços súbitos e sedutores, é na verdade, mais uma adição gradual de conhecimentos, teorias e discussões que integra o conhecimento formal da formação universitária com os resultados práticos que se observam dentro do diário exercício profissional.

Desde o surgimento dos primeiros letters entre os membros das sociedades científicas na Inglaterra, as publicações seriadas se levantam como uma ferramenta importante para integrar novas experiências e conhecimentos, lamentavelmente se encontra mais subvalorizado dentro do contexto formativo geral da pré-graduação e do exercício profissional do psicólogo.

Entre as noções elementais da formação em psicologia se encontra as ligadas ao sistema nervoso, conteúdos que frequentemente podem parecer alheios ao que define propriamente a formação de um psicólogo. Além dos preconceitos que se possam alimentar nas aulas por – em algumas ocasiões – brilhantes expoentes da clínica

psicológica, resultaria difícil crer que exista hoje em dia um profissional que se atreva a sustentar que o ser humano é só mente, ou argumentar que o corporal ou cerebral é secundário e incluso irrelevante nos pacientes com os que habitualmente se deverá tratar.

Ao fazer, simplesmente seria um ato de ignorância, sobretudo num momento em que temos evidências diárias desde as neurociências que se baseiam na unidade mente-corpo como nunca antes na história do estudo do “psicológico”.

A convicção de que os estudantes deverão ser nutridos com as noções básicas dos modernos estudos do cérebro deveria refletir na bibliografia de diversas assinaturas e estar presente no espírito central da tarefa acadêmica como uma maneira de prevenir esta viciosa tendência a desprezar aquilo que se desconhece e que finalmente cegará na hora de provar novas formas de ver “o sintoma”.

De que modo os psicólogos poderão caminhar pelo campo da neurociência se não encontram pontes que lhe permitam sair de um mercado analfabetismo científico e começar a compreender, além dos discursos, que integrados a outras ciências e equipes de trabalho a disciplina conseguirá um desenvolvimento de acordo aos novos desafios e interrogantes no campo do cérebro, onde a psicóloga está chamada a demonstrar sua utilidade.

Nossa tarefa nestes 5 anos e ao futuro será a de contribuir em difundir o trabalho especializado e provocar aos estudantes da graduação para que primeiro leiam e logo acreditem na psicologia que praticam, constroem e ensinam.